

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil Class.: PIX. Prod. Cultural

Data: Out/75 Pg.: 578

São Paulo — Cerâmica, colares, bordunas, peças arqueológicas e até mesmo parte de uma maloca, com cenas de cerimônia sócio-religiosas, exibidas em 16 mm e musicadas, compõem a exposição Xingu Terra, montada no terceiro pavilhão da XIII Bienal Internacional de São Paulo.

Trata-se de uma das mostras mais visitadas da Bienal e um artista francês chegou a perguntar à fotógrafa Maureen Bisilliat e ao arquiteto Fernando Lion, responsáveis pela exposição, se todo aquele trabalho artístico não era de autoria do índio Aritana, da tribo Iualapiti, ali presente. Aritana sorriu: "O que eu fiz, qualquer outro índio pode fazer. Numa aldeia, o que um faz, todos fazem também."



FOTOS DE MAUREEN BISILLIAT

Detalhes de casa indígena (tribo Camaiurá)

A cultura do Xingu na Bienal

EDILSON MARTINS

A idéia da exposição Xingu-Terra nasceu durante um jogo de baralho, numa noite quente do Parque Nacional do Xingu. Participavam do jogo o sertanista Orlando Vilas Boas, a fotógrafa Maureen Bisilliat, e outras pessoas, quando alguém sugeriu mostrar-se em São Paulo, de forma desprezível, mas fiel, parte dos costumes, da cerâmica, dos ritos, dos índios do Alto Xingu. A idéia inicial era construir um pequeno museu vivo do índio, utilizando-se peças em poder dos irmãos Vilas Boas.

Mais tarde, essa iniciativa, contando com a colaboração do Governo do Estado de São Paulo, evoluiu para a montagem da exposição, na Bienal de São Paulo. É possível, que encerrada a Bienal, a idéia do museu venha a se concretizar. Os irmãos Vilas Boas já garantiram inclusive, que caso seja fornecido um local, eles abrirão mão de todas as peças que possuem.

O crítico Clarival do Prado Valladares, no catálogo, explica que a exposição não é, nem arqueológica, nem histórica. "Não chega a ser uma exposição etnológica, didática. Seria, creio, uma análise crítica que se tornou possível graças ao acervo etnográfico dos irmãos Vilas Boas, e isto equivale, por si só, a um profundo e demorado campo de observação".

E em outro trecho: "Para um inadvertido, pasma descobrir na manifestação tribal valores estéticos e soluções plásticas cabíveis nos objetos da contemporaneidade, quase sempre precedendo os movimentos da avant-garde. Nossa sofisticação tem por hábito apelidar movimentos, estilos, ou atitudes estéticas, que nos pareçam grandes descobertas — às vezes chegam a lembrar verdadeiras redensões — mas que em realidade já foram consumidos e superados na espontânea continuidade da cultura de base".

O stand Xingu-Terra, nos fundos do terceiro pavilhão do prédio da Bienal, ocupa mais de 200 metros quadrados, e suas paredes são formadas por painéis fotográficos, mostrando a paisagem da região, seus índios, seus jogos, e lutas esportivas. A montagem dessa exposição levou quase três meses e custou cerca de Cr\$ 250 mil. Cípiós, madeiras para construção da maloca, folhas de palmeiras, tudo veio das matas do Parque Nacional do Xingu.

Embora o projeto seja do arquiteto Fernando Lion, pouco, ou quase nada, teria sido feito sem a presença de um índio. Daí ter vindo diretamente de sua aldeia Iualapiti o índio Aritana, que, desde o início, participou da montagem da exposição.

Quem entra na exposição tem a sensação de visitar uma maloca, no centro de uma aldeia. Não se usou luz artificial, já que uma maloca é invariavelmente escura. Fica-se, então, conhecendo o machado de pedra da tribo Kren-akarore, o apicap — banco para homem — dos kamaluré, o urupem — peneira — dos caiabi, o jakui — flauta proibida à mulher — e outras infinidades de peças. Cantos xinguanos são continuamente tocados no interior da exposição, e funcionam como trilha musical de cenas, em 16 mm, das lutas da cerimônia sócio-religiosa do Quarup.

CULTURA

O Parque Nacional do Xingu, situado em Mato Grosso, abrange extensões da selva amazônica e cerrados do Brasil central. Cortado pelo curso superior do rio Xingu e seus formadores — Kuluene, Ronuro e Batovi — é habitado por 15 tribos pertencentes aos grandes troncos linguísticos brasileiros: Jê Tupi, Caribe, Aruaque, e algumas famílias isoladas como Txicão e Trumal. A criação do parque teve um duplo objetivo: construir uma reserva natural, onde fauna e flora intocadas guardassem, para o Brasil futuro, um testemunho do descobrimento, e ao mesmo tempo, proteger tribos em estado de cultura pura que habitam a região. O parque conta com três parques indígenas — Leonardo Vilas Boas, Cretire e Diauarum —

e em sua área está cerca de 2 mil silvícolas.

A antropóloga Armen Junqueira registra que, entre os índios, a "História serve pra lembrar, pra contar, pra ensinar, pra não esquecer, pra não acabar. Onça serve pra ficar no mato; nasceu no mato, tenque ficar no mato; come bicho. Psarinho fica na árvore, enfeita a ita. Peixe serve pra ficar na água, é que alguém vá buscar. Gente serv pra ficar de pé, andar por aí, trilhar, dormir, namorar, ter filhos. Ilho é bom criar sem bater, sem gar. Criar mole. Gente boa não bae em filho. Se filho chora, deve se agradado. É bom ter filho. Filho ajda os pais na velhice. Mas filho é muito trabalho, come muito. Índio trabalha pra mulher, pra filho, pra ele mesmo. Outro não manda índio trabalhar. Índio não trabalha pra outro. Pode trabalhar pra amigo, pra sogro, pra pai. Mas índio não é empregado de outro. É bonito trabalhar devagar. Derrubar mata, fazer roça, devagar, pra não cortar o pé, o dedo, a perna. Não há pressa. Se tem pressa, trabalha depressa, mas coisa bonita tem que ser feita devagar".

Cláudio Vilas Boas afirma que a região do Alto Xingu, apesar de toda a violência das frentes de colonização, ainda está preservada. "Na realidade, Amazônia e Brasil-Central se encontram, se interpenetram, se ajustam e compõem um quadro admirável na

planície xinguanas. Desnecessário dizer que por ali não andou a mão predadora do civilizado. Livre da ação destrutiva desse elemento que, infelizmente, só enxerga lucro em tudo que encontra, seja tronco de pau, fruto, animal, orquídea, cardume ou asa de borboleta — o Xingu dos índios e das lendas permanece íntegro, brasileiro, verde e bruto como era o país inteiro à época do descobrimento".

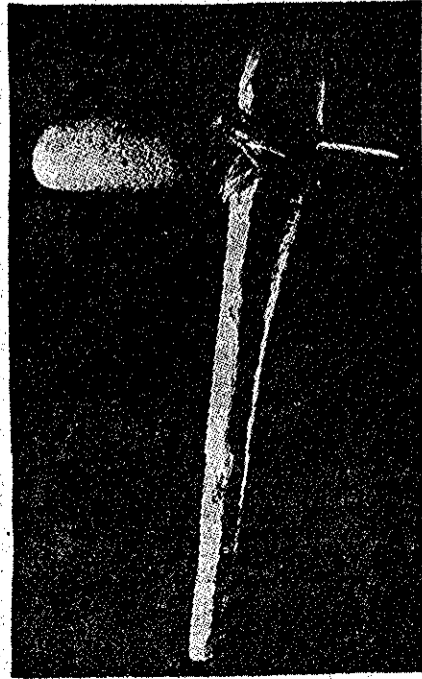
O índio Aritana, da tribo Iualapiti, desde que abriu a Bienal, se encontra na exposição Xingu Terra. Participou da montagem, orientando, discutindo com o arquiteto e sua equipe, fornecendo instruções a Maureen Bisilliat. Agora ele pode ser visto todos os dias andando nos 36 quilômetros da Bienal em seus três pavimentos. Em sua opinião, essas andanças são boas porque na aldeia índio anda todos os dias. "Muito mais que isso, índio não pode deixar de andar".

Quando a Bienal, Aritana diz "que não vê graça, em quase nada".

— Caraíba (civilizado) é muito complicado. Gostei muito pouca coisa. Caraíba perde muito tempo fazendo coisa inútil. Depois de algum tempo toda Bienal fica sem graça. O que mais quero agora é voltar para a aldeia. Índios meus irmãos vão ficar muito curioso com fotos que vou levar pra eles. Depois, quando eu não souber explicar, eles vão morrer de rir, com tantos objetos complicados, sem utilidade.



Luta Quarup. Alto Xingu



Machado de pedra. Alto Xingu